



O FOLCLORE BRASILEIRO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E O FESTIVAL NACIONAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE BRASILEIRA E A NARRATIVA JORNALÍSTICA

Larrani Ferreira Guariente Oliveira (IC) e Prof. Dr. Carlos Eduardo Sandano Santos (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O folclore, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pela UNESCO, faz parte da construção da identidade brasileira, já que todas as camadas da sociedade possuem um legado cultural, que é encontrado nos costumes e nas tradições. O Jornalismo, por sua vez, é responsável por difundir a cultura brasileira nos meios de comunicação, seja ela popular ou erudita. Por vezes, esse trabalho é afetado pela identidade cultural do próprio jornalista, que pode encontrar dificuldade em divulgar a cultura de um certo povo para outro culturalmente e, até mesmo, socialmente divergente. Desta forma, revela-se necessário estudar os aspectos do folclore, responsáveis pela formação da identidade brasileira e, consequentemente, sua influência na narrativa jornalística, designada a transmitir as culturas e o saber do povo brasileiro. Portanto, este artigo busca identificar elementos que possam orientar conscientemente a produção jornalística na difusão do patrimônio imaterial brasileiro, o folclore. Para isso, foi utilizado como objeto de estudo o Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), bem como sua divulgação. O FEFOL há 60 anos, reúne grupos folclóricos e parafolclóricos de Norte a Sul do Brasil para festejar e transmitir seu legado cultural. Na Estância Turística de Olímpia, cidade do interior paulista reconhecida como a Capital Nacional do Folclore pela Lei Federal Nº 13.566/2017, existe uma forte presença da Folia de Reis, manifestação cultural e religiosa que também foi analisada para os fins deste presente artigo.

Palavras-chave: Jornalismo. Folclore. Identidade.

ABSTRACT

Folklore, recognized as an Intangible Cultural Heritage by UNESCO, is part of the construction of the Brazilian identity, as all layers of society have a cultural legacy found in customs and traditions. Journalism, in turn, is responsible for disseminating Brazilian culture in the media, whether erudite or popular. At times, this work is affected by the cultural identity of the journalists themselves, who may find it challenging to convey one person's culture to another that is culturally and even socially divergent. Thus, it becomes necessary to study the aspects of folklore responsible for the formation of Brazilian identity and, consequently, its influence on journalistic narratives aimed at transmitting the cultures and knowledge of the Brazilian people. Therefore, this article seeks to identify elements that can consciously guide journalistic production to disseminate Brazilian intangible heritage: folklore. For this purpose, the Folklore Festival of Olímpia (FEFOL) and its dissemination were the objects of study of this work. For 60 years, FEFOL has brought together folkloric and para-folkloric groups from North to South of Brazil to celebrate and transmit their cultural legacy. In Olímpia, a city in the interior of São Paulo recognized as the National Capital of Folklore by Federal Law No. 13.566/2017, there is a strong presence of the Folia de Reis, a cultural and religious manifestation also analyzed for this article.

Keywords: Journalism. Folklore. Identity.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), bem cultural se classifica como qualquer elemento material ou imaterial que possua valor histórico, artístico, arqueológico, paleontológico, etnográfico, científico, tecnológico, paisagístico ou simbólico (IPHAN online). O folclore é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pela UNESCO, ou seja, ele representa um bem cultural intangível e não possui uma forma física, mas é fundamental para a preservação da identidade cultural de um povo. De acordo com Luís da Câmara Cascudo, “inútil será pensar que um desenvolvimento industrial anulará o folclore. Fará nascer outro” (1967, p. 9). Portanto, é apropriado dizer que o folclore é um fator chave para a construção da identidade brasileira.

Já o Jornalismo Cultural é responsável por divulgar a cultura popular e erudita nos meios de comunicação, garantindo, assim, a difusão do conhecimento e tradições das diversas comunidades presentes no Brasil. O jornalista, no entanto, muitas vezes, encontra dificuldade ao disseminar a cultura de um certo povo para outro culturalmente e, até mesmo, socialmente divergente.

Considerando que não existem pessoas marginalizadas culturalmente, já que toda e qualquer comunidade possui uma herança cultural, é necessário discutir, informar, interpretar e opinar de forma consciente na narrativa jornalística.

Portanto, este trabalho busca identificar elementos concretos que possam orientar conscientemente a produção jornalística em relação ao patrimônio imaterial brasileiro, abordando a seguinte questão como problema de pesquisa: De que forma os elementos pertencentes ao folclore, que fazem parte do bem cultural brasileiro, são retratados pelo jornalismo?

Para isso, usei como objeto de estudo a Estância Turística de Olímpia, cidade do interior de São Paulo, conhecida, principalmente, por seu famoso parque aquático, o Thermas dos Laranjais. Muito mais do que apenas águas quentes e toboáguas divertidos, a cidade de Olímpia é considerada a Capital Nacional do Folclore, segundo a Lei Federal N° 13.566/2017, divulgada no Diário Oficial da União, durante o governo Temer.

Todos os anos, ela recebe, em agosto, grupos e manifestações folclóricas de todo o país para o Festival Nacional do Folclore, popularmente chamado de FEFOL. Os moradores da região aguardam ansiosos durante o ano para a chegada da festa, que reúne performances, tradições, apresentações e danças populares e comidas típicas, tanto de

Olímpia, quanto de diversos outros locais do Brasil. Além disso, o FEFOL conta com orquestras, parque de diversões e um pavilhão de artesanato.

A justificativa para a escolha e execução deste trabalho pode ser explicada pelo meu interesse pessoal e pela importância no Jornalismo. O fato de eu nascer em Olímpia e ser criada em Cajobi, cidade vizinha, fez florescer um interesse particular sobre as manifestações folclóricas e o festival, instrumento direto de minha formação como indivíduo, já que participo da festividade como visitante e espectadora desde a minha infância.

Além disso, a cobertura jornalística de eventos como o FEFOL é essencial e necessita de uma preocupação acadêmica, além da preocupação com a informação. O jornalista responsável com a reportagem possui suas próprias tradições e costumes, sendo diretamente influenciado por sua realidade e pré-conceitos. A maneira como ele divulgará os aspectos relacionados ao folclore brasileiro pode dispor da formação de sua identidade como indivíduo.

Logo, mostra-se necessário estudar a respeito dos aspectos do folclore, responsáveis pela formação da identidade brasileira e, conseqüentemente, sua influência na narrativa jornalística, que é encarregada de transmitir as culturas e o saber do povo brasileiro.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 - Folclore Brasileiro

Segundo Luís da Câmara Cascudo (2012, p. 13), “O folclore é popular, mas nem todo o popular é folclore”. De acordo com o jornalista (2012), a Sociedade Brasileira de Folk-Lore, criada por ele em 1941, assumiu que para um fato tornar-se motivo folclórico é necessário quatro características, entre elas: antiguidade, anonimato, divulgação e persistência. Ou seja, “antigo na memória do povo; anônimo em sua autoria; divulgado em seu conhecimento, e persistente nos repertórios orais ou no hábito normal” (Cascudo, 2012, p. 13).

De acordo com o Prof. Dr. Gilmar Rocha (2009), o termo Folk-Lore foi criado pelo antropólogo inglês William John Thoms (1803-1885) em Carta, publicada na Revista The Atheneum, em 1848, significando “sabedoria do povo”, a fim de qualificar os estudos das “antiguidades populares”. Esse termo foi rapidamente atrelado à cultura popular, e “mais recente, porém não menos complexa, é a relação do folclore e a cultura popular com o conceito de patrimônio cultural imaterial” (Rocha, 2009, p. 219).

O folclore faz parte da cultura popular, e, muitas vezes, está presente nas obras criadas pela cultura erudita, como é o caso das versões de “As 16 Cirandas” (1960) por Villa-Lobos, entre elas “O Cravo Brigou com a Rosa” e “Terezinha de Jesus”. Logo, percebemos que “A compreensão está limpando os horizontes desses nevoeiros da pseudoerudição. A

justificação é o próprio elogio do folclore, a ciência direta, desinteressada, antidemagógica, da cultura popular” (Cascudo, 2012, p. 16).

Já para o professor Rossini Tavares de Lima (2003), o objetivo do folclore é estudar a cultura espontânea, que está presente nele (folclore) e em todos nós. Para o autor (2003) a cultura se manifesta em duas categorias: a erudita e a espontânea, formulada por ele próprio. Segundo Tavares de Lima (2003), a cultura espontânea “é aprendida de maneira informal, na vivência do homem com seu semelhante, do nascimento à morte” (p.24).

2.2 - O folclore como instrumento na formação identitária

Todas as camadas da sociedade possuem um legado cultural, o qual carrega as tradições, costumes e hábitos de um determinado povo. O folclore é responsável pela formação da identidade brasileira do coletivo, e, conseqüentemente, do indivíduo. Em concordância com Câmara Cascudo:

Nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família, dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas, do nosso mundo afetoso. O outro lado da cultura (cultura, fórmula aquisitiva de técnicas, e não sinônimo de civilização) é a escola, a universidade, bibliotecas, especializações, o currículo profissional, contatos com grupos e entidades eruditas e que determinam vocabulário e exercício mental diversos do vivido habitualmente. Vivem, numa coexistência harmônica e permanente, as duas forças originárias e propulsoras de nossa vida mental (Cascudo, 2012, p. 17).

Portanto, é válido afirmar que a identidade do indivíduo é formada desde a infância, a partir das crenças e da cultura de todos ao seu redor, e se desenvolve ao longo da vida, modificando, conseqüentemente, o próprio folclore. As professoras Denise Felipe Carvalho de Araújo e Edvania Ferreira Lima estudaram a importância e a contribuição do folclore nas aulas de literatura infantil e entenderam que:

Toda a sociedade participa da criação e da manutenção do folclore, e por isso, não apenas através da sua aceitação ou repressão. O fenômeno folclórico em si resume, com extraordinária limpidez as esperanças e as expectativas gerais, baseia-se tanto na tradição como na inovação. Em geral a forma (o auto, a redonda, a quadrada...) permanece, enquanto o conteúdo se modifica e se atualiza. Assim o folclore planta suas raízes no passado imemorial da humanidade e se projeta como voz do presente e do futuro (Araújo; Lima, 2005, p. 20).

Na Capital Nacional do Folclore, existe uma preocupação com a disseminação dos conhecimentos populares nas escolas. Durante entrevista com a secretária da Educação Maria Cláudia Vanti Luizon Padilha, foi explicado que a Secretaria da Educação é responsável por diversas etapas do FEFOL. Entre elas: a abertura oficial, realizada pelos professores e alunos do ensino público e particular de Olímpia, o Mini Festival, feito especialmente para as crianças, a Folclorança, que corresponde à produção de brinquedos folclóricos, e a gincana, que resgata diversas brincadeiras folclóricas (Padilha, 2024).

Para Maria Cláudia, o folclore é de suma importância na formação da identidade dessas crianças: “Uma nação que não resgata seu folclore, sua vida, seu passado, é uma nação com pensamentos rasos. [...] Hoje, nós temos uma história, mas essa história é construída desde lá de trás. O folclore vem para isso”. (Padilha, 2024).

No entanto, ao realizar esse resgate, novas identidades são criadas. Durante entrevista realizada com o Prof. Dr. Estevão Amaro dos Reis, ele afirma que o “o folclore é um processo” (Reis, 2024). Ou seja, apesar de resgatarmos crenças e culturas dos nossos antepassados, estamos a todo momento modificando-as para adaptá-las a nossa realidade.

Podemos relacionar este pensamento ao que a socióloga Kath Woodward disserta sobre identidade nacional a partir de uma história do escritor e radialista Michael Ignatieff:

Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. Os sérvios, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades. (Woodward, 2022, p.11).

Ou seja, mesmo que estejamos embebidos na cultura e no folclore, cultivados desde o passado, estamos, a todo momento, adaptando-os a nossa realidade. Com as novas tecnologias, vêm novas formas de celebrar e cultuar as crenças e os mitos. Portanto, é válido lembrar que Rossini Tavares de Lima (2003) desenvolve que a cultura espontânea, termo cunhado por ele mesmo para estudar o folclore, está presente em todos nós. Desta forma, com base na teoria do folclorista paulista, a professora Julieta de Andrade afirma que “... cada brasileiro é um folclorista em potencial (...)” (Lima, 2003, p. 7).

2.3 - Jornalismo Cultural e cobertura jornalística

A imprensa que está embebida dos mesmos valores culturais que a sociedade na qual se encontra possui a capacidade de publicar matérias que envolvam a cultura e o folclore local de uma perspectiva diferente (Costa, 2013). Portanto, “encarando-o com naturalidade, a imprensa teria a liberdade de acessar um catálogo muito mais abrangente de enquadramentos disponíveis para a elaboração da notícia envolvendo o lendário” (Costa, 2013, p. 119).

Andriolli de Brites da Costa, membro da Rede Folkcom e da Comissão Sul-Mato-Grossense do Folclore, investigou em seu artigo para pós-graduação a presença das lendas na narrativa jornalística a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai. Durante sua pesquisa, o autor dispõe das teorias de Cremilda Medina ao concluir:

Frequentemente a lenda ganha espaço nas páginas do jornal utilizando o exótico, o insólito, o fantástico como valor notícia. Estas 119 coberturas tendem frequentemente para a ironia, com matérias que deboçam das crendices populares, ironizam os modos de sentir, pensar e agir da cultura

popular. Cremilda Medina chama a atenção para o fato de que a relação do jornalista com seu povo, e com suas manifestações culturais, acontece pela comunhão, não pela rejeição. (Costa, 2013, p. 119).

Ainda em relação à cobertura jornalística de manifestações folclóricas, a jornalista e doutora em Ciência da Informação Mariana Pícaro Cerigatto avança sobre o assunto:

Na visão de Moraes (2008), a cobertura da grande mídia a respeito de eventos folclóricos, por exemplo, não dispõe de profundidade e análise. Para a autora, o Brasil abriga uma extensa atividade cultural, pelo fato de agregar em seu território a cultura de vários povos. Mas, segundo ela, o exposto na mídia é incompatível com essa diversidade. E, quando há cobertura de algum evento cultural, como uma festividade folclórica, por exemplo, a cobertura acaba restrita muito mais para uma pasteurização e uma simplificação dos fatos. Há dificuldade em aprofundar ou contextualizar os assuntos abordados. (Cerigatto, 2015, p. 2).

Cremilda Medina (1988), em sua análise dos gêneros jornalísticos, destaca as diversas correntes que se entrelaçam na mídia brasileira contemporânea ao longo da história, evidenciando a evolução do conceito de notícia. No âmbito do Jornalismo Cultural, apesar das transformações ao longo do tempo, suas características intrínsecas atribuem-lhe significativa importância social, como a disseminação democrática do conhecimento e sua natureza reflexiva (Cerigatto, 2015).

Mariana Pícaro Cerigatto (2015) também salienta que o jornalista cultural deve discernir o que merece ser conhecido pelo público e como promovê-lo. "Importante ressaltar aqui que é relevante olhar para a cultura sem dicotomia 'cultura alta' versus 'cultura baixa', mas saber diferenciar a autenticidade entre a cultura para as massas e a cultura, de fato, popular" (Cerigatto, 2015, p. 44)

2.4 - Folkcomunicação: um olhar sobre o Festival do Folclore de Olímpia

O jornalista Luiz Beltrão desenvolveu o conceito de Folkcomunicação, ligada diretamente ao jornalismo e à cultura popular. De acordo com Beltrão (1980, p.24), a Folkcomunicação é "o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore". Esse comportamento, mantido pela própria comunidade, cria uma forma de comunicação com o objetivo de expressar sua cultura, valores e identidade.

A partir da percepção de cultura popular elaborada por Beltrão, a Profa. Dra. Karina Janz Woitowicz e o Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini buscaram entender as contribuições da folkcomunicação para a análise do jornalismo cultural:

Uma das contribuições dos estudos em folkcomunicação está em valorizar os diferentes modos através dos quais os grupos sociais se relacionam e produzem a cultura, em meio às tensões entre a comunicação de massa e a comunicação popular. Compreende-se, portanto, que reconhecer a existência de múltiplas culturas e identidades é reivindicar o direito à

diferença e à singularidade, ainda que se estabeleça o diálogo e a interação entre tradições e referências culturais diversas (Woitowicz; Gadini, 2017, p. 275).

A Profa. Dra. Rosangela Villa explica (2020), em sua coluna para o Jornal Diário Corumbaense, que a manifestação deste conceito é encontrada nas frases de para-choque de caminhão, folhetos de cordel e veículos de som que interagem diretamente com a população, como o carro da pamonha, e, até mesmo, aqueles que fazem propaganda política e convites aos festivais.

Podemos, portanto, correlacionar o Festival Nacional do Folclore de Olímpia (FEFOL) à folkcomunicação. De acordo com o Prof. Dr. Estêvão Amaro dos Reis (2011), olimpiense e de uma família de Embaixadores de Santos Reis, para falar sobre a criação do FEFOL é necessário voltar para 1950, quando o professor de música do antigo Ginásio Olímpia, Victório Sgorlon, realizou uma exposição de peças e trabalhos artesanais. O evento contou também com palestras dos folcloristas Rossini Tavares de Lima e Laura Della Mônica, a fim de despertar o interesse pelo folclore nos alunos.

Estêvão (2011) relata que este projeto originou o desfile folclórico e, entre os alunos dedicados nesse primeiro evento, estava José Sant'anna, o criador do Festival do Folclore de Olímpia. Amaro dos Reis menciona a evolução na relação de Sant'anna e Sgorlon:

Com o passar do tempo o aluno José Sant'anna tornou-se professor e companheiro de Sgorlon, auxiliando-o no trabalho de estudo e pesquisa e na organização das exposições que a partir daquele momento expandir-se-iam para outras escolas e estabelecimentos comerciais da cidade. O professor José Sant'anna liderou este movimento e desempenhou um papel fundamental na manutenção e posterior consolidação do FEFOL como o maior festival de folclore do país. (Reis, 2011, p. 15)

Segundo o músico (2011), o período entre 1957 e 1964 é considerado o “embrião” do FEFOL mas, somente em 1965, aconteceu o 1º Festival do Folclore de Olímpia. A festa tinha como principal objetivo levar as manifestações folclóricas para as ruas olimpienses: “Folias de Reis, Cantadores, Catireiros e Ternos de Congo se juntaram ao desfile dos fuscas, cantando, tocando e dançando pelas ruas da cidade, o que desde o primeiro momento foi motivo de aprovação pelos moradores (...)” (Reis, 2011, p. 16). Além disso, o músico disserta sobre o impacto que a criação do festival, em 1965, causou na comunidade local e até em visitantes:

A repercussão e a amplitude do Festival de Olímpia despertaram a princípio o interesse das autoridades locais e posteriormente das autoridades estaduais e federais. Professores universitários, folcloristas, cantores famosos, escritores, jornalistas, estudiosos do assunto e curiosos de todas as esferas dirigiam-se até Olímpia no mês de agosto, para assistir de perto a grande festa de sons, cores e ritmos proporcionada pelo encontro de grupos folclóricos de todo o país. (Reis, 2011, p. 16-17)

Durante dezoito anos, a Praça da Matriz de São João Batista se transformava completamente para sediar o FEFOL, recebendo visitantes e próprios moradores de Olímpia, que diziam se sentir “donos da festa, já que vivenciavam um sentimento de pertencimento (Reis, 2011). Em 1982, o festival foi transferido de local e, atualmente, é realizada no Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas Prof. José Sant’anna, popularmente conhecido como Recinto do Folclore.

Anualmente, o FEFOL recebe mais de 60 grupos folclóricos e parafolclóricos de todo o país, sendo considerado o único festival brasileiro com tamanha diversidade (Reis, 2011). Inclusive, Amaro dos Reis confessa que, para muitos desses grupos, “[...] apresentar-se no FEFOL representa, muitas vezes, o ponto culminante das suas atividades” (2011, p. 04).

Em 2022, o evento homenageou a Associação Folclórica Boi de Mamão do Pantanal, de Florianópolis - SC e contou com exhibições de 56 grupos (de 18 estados do Brasil), entre eles 32 eram visitantes e 22 da cidade-sede. Já em 2023, o coletivo homenageado foi o Grupo Folclórico Parafusos, de Lagarto, Sergipe. De acordo com o Portal Oficial do FEFOL, o 59º Festival do Folclore de Olímpia, realizado nos dias 05 a 13 de agosto de 2023, bateu o recorde de público, recebendo mais de 160 mil pessoas (FEFOL online).

Durante a sexta-feira de abertura (05), foram registradas quase 32 mil pessoas, “o maior público da história em uma única noite” (FEFOL online, 2023). Em visita à festa, era possível experienciar a comoção de todos envolvidos, sejam os visitantes, os trabalhadores ou os performances. As arquibancadas estavam lotadas, as barracas de comida faziam fila e para se locomover entre as ruelas do recinto, era preciso paciência, pois o público preenchia cada espaço vazio.

Já em 2024, entre os dias 03 e 11 de agosto, foi realizado o 60º Festival Nacional do Folclore de Olímpia. Por conta do Jubileu de Diamante, a Comissão Organizadora optou por homenagear os próprios grupos da cidade-sede, com o tema “Olímpia: o solo sagrado do folclore brasileiro”.

Ainda de acordo com o Portal Oficial do FEFOL, antes da cerimônia de abertura, foi inaugurada a nova sede do Museu do Folclore de Olímpia, implantada no Recinto do Folclore. Tal feito foi realizado a partir de uma parceria entre a Prefeitura de Olímpia e a Fundação Roberto Marinho, firmada em 2022, por iniciativa do prefeito Fernando Cunha (FEFOL online)

Vale destacar que a entrada no FEFOL é gratuita e a Comissão Organizadora é formada por voluntários a fim de auxiliar a prefeitura na organização da festa. Neste ano, eu participei como voluntária da Subcomissão de Imprensa, Cerimonial e Marketing, para presenciar de perto toda a produção do festival. Em entrevista com Rodrigo César Borges

Marini, Diretor da Cultura e do Turismo de Olímpia, a festa não angaria lucro financeiro, mas sim social e cultural (Marini, 2024).

2.5 - Análise da Folia de Reis

De acordo com a Agência Brasil, o Dia de Reis, comemorado em 6 de janeiro, é uma tradição centenária da cultura popular brasileira. Nesta data, as Folias de Reis passam pelas ruas das cidades com cantores, instrumentistas e dançarinos, os quais interpretam canções e versos em homenagem a Baltazar, Belchior e Gaspar, os três reis magos canonizados pela Igreja Católica.

O site Educa Mais Brasil afirma que a formação da Folia de Reis é feita pelo “mestre, os três reis, os palhaços, o festeiro, o coro e o bandeiro”. Eles vestem-se, em sua maioria, com roupas coloridas, brilhantes e enfeitadas, assemelhando-se a uma farda militar.

A especialista em Moda Ana Carolina Umbelino (2014) disserta que o lenço branco utilizado no pescoço dos foliões, representa a pureza da sagrada família. Além disso, a bandeira e os instrumentos com fitas e flores possuem suas próprias simbologias. A bandeira vem acompanhada do nome da companhia de Reis e a imagem dos santos. “A vestimenta do palhaço é a mais peculiar, utilizando bastante tecido para evidenciar o movimento da pessoa que está usando e contribuir para o desenvolvimento da “performance”. (Umbelino, 2014, p. 6).

De acordo com o Portal da Prefeitura da Estância Turística de Olímpia, a Capital Nacional do Folclore possui 13 companhias de Folia de Reis há décadas, configurando-se como maioria nos grupos folclóricos olimpienses que se apresentam no FEFOL.

A Doutora em História Rafaela Sales Goulart (2018) explica que as companhias de Folia de Reis interpretam fatos bíblicos, refazendo a caminhada dos Três Reis Magos, os primeiros a conhecerem Jesus. Durante a performance dos foliões, a figura do rei Herodes é atrelada à imagem do mal. “Logo que o evangelho aponta: ao perceber a ameaça de poder do recém-nascido (Jesus) e a traição dos magos que não retornaram ao seu reinado para avisá-lo sobre Jesus, Herodes ficou irado e ordenou que matassem todos os meninos de até dois anos de idade” (Goulart, 2018, p. 79).

A música tocada pelos foliões também é uma simbologia da história bíblica. De acordo com Rafaela Goulart (2018) ela simboliza a música tocada pelos Santos Reis para distrair Herodes. Para fazê-la, os sábios transformaram suas vestes e objetos que encontravam pelo caminho em instrumentos musicais. Além disso, a historiadora analisa a fé e a adoração dos foliões:

A ideia de que demoraram 300 anos nesta jornada de volta para casa, por sua vez, é uma forma de exaltar a história sagrada, demonstrando as dificuldades que estes supostos reis enfrentaram, mas lhe conferiu a posterior santificação. Do mesmo modo, mantém-se a ideia de que, realizados os rituais da Folia de Reis, os foliões devem continuar louvando e preservando por muito tempo em suas memórias esta graça divina que, por sinal, deve apresentar-se com a mesma intensidade de emoções: um verdadeiro testemunho de fé dos envolvidos. (Goulart, 2018, p.81)

Em Olímpia e Cajobi, muitas pessoas carregam a bandeira de Reis por um determinado tempo a fim de cumprir promessas feitas aos primeiros fiéis de Jesus. Porém, os foliões das Companhias de Reis, em sua grande maioria, festejam em nome da fé por tempo indeterminado, assim como os Três Reis Magos, que demoraram 300 anos ao retornarem para casa.

Independente do tempo reservado à adoração dos santos, as Folias de Reis são responsáveis por moldar os indivíduos e construir a identidade brasileira. Seja por conta das danças e da músicas, pelas roupas coloridas, pelas máscaras dos palhaços, que fisga o olhar das crianças, ou então pela fé, principal fomentadora dessa festividade, quem já passou pelo caminho de uma Companhia de Santos Reis estará para sempre marcado.

2.6 – Análise comparativa da divulgação do FEFOL

Para melhor entender como é feita a divulgação do Festival Nacional do Folclore de Olímpia nos meios de comunicação, foi realizada a análise comparativa do 6º e do 60º anuários do FEFOL, além da revista Olímpia: 20 anos de Folclore. Os anuários são, desde sempre, organizados pela Comissão Organizadora do festival, enquanto a revista é de autoria das repórteres Cida Teixeira e Marisa Carrião, fotojornalista e uma das fundadoras da Agência Angular, junto de João Bittar, José Luiz Bittar, Cristina Villares, Marcos Rosa e Wagner Avancini, segundo a Vice.

O 6º Anuário, de 1970, é a primeira edição com registros legíveis nos dias atuais, por isso é importante analisá-lo. Ele foi organizado e publicado pelo jornal Tablóide da Nova Paulista e orientado pela Comissão Municipal de Folclore, hoje chamada somente de Comissão Organizadora. Por se tratar de uma publicação feita como “edição especial” de um jornal da cidade, possui ao longo do texto propagandas de comércios locais, como Hotel Cruzeiro do Sul, Mercearia Brasília, Ricciardi Óleos Vegetais Ltda., Beneficiadora Olímpia Ltda, Gráfica Nôvo Mundo, Sorvetes Bambi, Casas Pernambucanas, Sindicato Rural de Olímpia e Cooperativa de Laticínios de Olímpia e Ltda. Vale destacar que tais merchans estão correlacionados ao festival do folclore. Veja exemplos nas figuras 1, 2, 3, 4 e 5:



A firma **Beneficiadora Olímpia Ltda.** das

Máquinas Brasil

torna público seu aplauso e seu apoio aos organizadores do

6.º Festival de Folclore

OLÍMPIA «Capital Paulista do Folclore» produz arroz das consagradas marcas: «Palmirinha»,
«Cavador» e «Olímpia» — nas MÁQUINAS BRASIL

Figura 1 – retirada do 6º Anuário do FEFOL

== Nossa Saudação == aos organizadores do 6.º Festival de Folclore Nossos votos de boas vindas a todos os visitantes W HOTEL Cruzeiro do Sul — Positivamente o melhor —	Carlos Zangirolami DA Mercearia Brasília Saúda todos os visitantes, o idealizador do Festival de Folclore, que, de sucesso em sucesso, já atinge o 6.º ano de realização. Saúda também ao povo de Olímpia, que, ano a ano, mais colabora para o êxito da maior festa popular do interior paulista.
--	---

Figura 2 – retirada do 6º Anuário do FEFOL

Nosso aplauso ao maravilhoso espetáculo que será o 6.º Festival de Folclore Nosso aplauso aos seus organizadores e a todos aqueles que com eles colaboraram. Êsses aplausos partem da filial olimpiense das Casas Pernambucanas — onde todos compram —	Estamos com a ORCAVALE no Festival do Peão Estamos com as comissões municipais que organizam o 6.º Festival de Folclore Estamos com Olímpia! sorvetes  Bambi — a delícia que alimenta —
---	--

Figuras 3 e 4 – retiradas do 6º Anuário do FEFOL



Figura 5 – retirada do 6º Anuário do FEFOL

O Tablóide da Nova Paulista não restringiu os temas de suas notícias ao 6º Festival do Folclore de Olímpia. Nesta publicação, há espaço destacando a programação do FEFOL, as responsabilidades da Comissão Organizadora e algumas notícias sobre temas relacionados à cultura popular, com títulos como: “Festa de Reis em curto” e “Folclore: fonte inesgotável de cultura”. No entanto, a maior parte de seu conteúdo são notícias do dia a dia da cidade, como informações sobre a Festa do Peão de Olímpia e Calendário Cívico, Religioso e Militar de Olímpia.

O Anuário do 60º Festival Nacional do Folclore de Olímpia, realizado em 2024, se parece mais com uma revista. Na capa (Figura 6), encontra-se o cartaz desta edição, com desenhos de palhaços e foliões, instrumentos musicais como a sanfona e a viola, a Igreja da Matriz de Olímpia, um congadeiro de chapéu de fitas, um diamante e outras figuras que representam bem o tema deste ano: “Olímpia, o solo sagrado do folclore brasileiro”.

Esta edição, publicada pela Prefeitura de Olímpia, pela Secretaria de Turismo e Cultura e pela Associação Olímpia para Todos, foi feita pela Subcomissão do Anuário e do Anuarinho, coordenada pelo músico e pesquisador Estevão Amaro dos Reis e pela historiadora Maria do Carmo Moreira Kamla Passi.

Percebe-se que as temáticas retratadas no anuário possuem uma preocupação com o tema do Festival, abordando conteúdos sobre Olímpia e o FEFOL em si. O perfil do Prof. José Sant’anna, fundador da festa, a história e a cronologia do Festival do Folclore de Olímpia, desde a praça até o recinto, e detalhes sobre o Novo Museu Do Folclore de Olímpia são alguns exemplos de textos presentes nesta 60ª publicação. Entre as páginas 74 e 87, no



entanto, existe um espaço intitulado “novos estudos”, que aborda a relação do FEFOL e do Grupo de Siriri Flor de Atalaia, de Cuiabá, Mato Grosso.



Figura 6 – Capa do 60º Anuário do FEFOL

Mesmo com apoio da Tereos, Supermercados Iquegami, Proença Supermercados e Levity, não existem propagandas comerciais na publicação. Porém, logo no início, são apresentadas uma mensagem do Prefeito Fernando Cunha, que aborda algumas das melhorias feitas no Recinto do Folclore, como a construção de camarins e um novo palco, melhorias nas barracas e piso na arena, e uma mensagem da Secretária da Cultura Raquel Crepaldi, também presidente da Comissão Organizadora. Ao longo do anuário, existe também um artigo redigido pela Secretaria da Educação de Olímpia, introduzido por uma breve explicação da participação da Secretaria no FEFOL, seguido por relatos de seus funcionários públicos.

Portanto, é notável que existe uma propaganda de cunho “político” nos anuários. Todavia, não é de se estranhar, já que o evento é gerido pelo poder público e por voluntários apaixonados pela cultura brasileira.

Com a atual parceria da prefeitura com a Fundação Roberto Marinho, houve uma ampliação da cobertura do FEFOL por parte da TV TEM, afiliada da Globo, sediada em São José do Rio Preto. Ainda assim, as coberturas jornalísticas em texto são escassas, sendo a cobertura dos anuários do festival as mais completas atualmente.

Enquanto isso, em agosto de 1984, as repórteres Cida Teixeira e Marisa Carrião passaram uma semana em Olímpia, a fim de vivenciar o Festival do Folclore de Olímpia e realizar uma grande reportagem que deu origem ao Encarte Nº 71 do Jornal Auxiliar, publicado entre setembro e outubro.

A partir de entrevistas com os principais personagens da cultura popular de Olímpia, a grande reportagem aborda com detalhes e afeto diversos aspectos do FEFOL. Alguns dos protagonistas da publicação são: Capitão José Ferreira, do Terno de Congada Chapéu de Fitas, Sr. Adelís Paula dos Santos e Lindaura dos Santos, o primeiro Capitão e a porta-bandeira do Terno de Moçambique São Benedito, Pacífico de Souza e Silva, Mestre da Folia de Reis Magos do Oriente, D. Rosinha Maria dos Santos e D. Judite Batista de Carvalho, ambas benzedadeiras.

O folclorista Ático Vilas Boas da Mota é uma das fontes especialistas presentes na reportagem, além do Prof. José Sant’anna, fundador do FEFOL, e da Profa. Aparecida “Cidinha” Manzolli, que além de personagens são fontes oficiais e especialistas, devido aos seus estudos folclóricos e parafolclóricos.

O texto é dividido em subtítulos e composto depoimentos escritos de forma clara e bem descritiva, acompanhados de rezas, cantos e fotografias. Estas são todas da fotojornalista Marisa Carrião, que, com imagens, conseguiu registrar a festa a partir das

pessoas que fazem parte dela, feito alcançado também pelas palavras e frases da reportagem.

Por fim, a publicação apresenta um texto com o subtítulo “Em busca de uma Faculdade de Folclore”, que descreve o desejo do Prof. José Sant’anna de fundar a primeira Faculdade de Folclore na cidade de Olímpia. Esta ideia é questionada pela artista Neyde Rosa Bonfiglioli, logo no início da reportagem, que argumenta “O objetivo é louvável, nobre. Mas será a criação de uma Faculdade de Folclore, obrigatoriamente subordinada à burocracia que rege o ensino superior, o melhor caminho para atingi-lo?” (1984, p.2).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, notei que o Festival do Folclore de Olímpia é melhor divulgado pelos meios de comunicação audiovisuais, principalmente pela TV TEM, filiada da Globo da região metropolitana de São José de Rio Preto. Tal cobertura foi intensificada após a parceria entre a Prefeitura da Estância Turística de Olímpia e a Fundação Roberto Marinho.

Em relação à cobertura jornalística em textos, sejam eles impressos ou digitais, percebe-se uma escassez. Atualmente, a melhor cobertura é feita nos anuários do FEFOL, publicados pela Prefeitura de Olímpia, pela Secretaria de Turismo e Cultura e pela Associação Olímpia para Todos, o que implica que o texto não será totalmente objetivo e transparente e haverá, consequentemente, um viés político favorável ao poder público vigente na cidade.

É, de certa forma, uma surpresa dizer que, em 60 anos de FEFOL, a melhor cobertura jornalística já feita sobre a festa foi em 1984, realizada por Marisa Carrião e Cida Teixeira, as quais mostraram de forma clara, objetiva, afetuosa e até mesmo literária a magia presente na cidade de Olímpia na primeira semana de agosto.

As repórteres abordaram os elementos folclóricos e culturais da forma que Mariana Pícaro Cerigatto e Cremilda Medina dissertam. Ou seja, souberam promover a cultura do povo sem associá-la a uma “cultura baixa” ou “cultura pobre” e fizeram isso pela “comunhão” com as pessoas inseridas naquela realidade e não pela “rejeição”.

Para realizar coberturas jornalísticas que retratem os elementos pertencentes ao folclore, que fazem parte do bem cultural brasileiro, os jornalistas precisam se desprender de seus pré-conceitos e mergulharem na cultura do grupo social desejado, interagindo, festejando e celebrando junto dessas pessoas. Dessa forma, ele entenderá a essência do comportamento e dos costumes e, assim, poderá passá-la para o papel, efetivando sua obrigação e dever para com a informação e a transmissão do saber do povo brasileiro para o povo brasileiro.

Finalizo esta pesquisa com uma frase dita pelo Prof. José Sant'anna para o Jornal Auxiliar, em 1984, que resume meus pensamentos: "[...] Então, desde que houver um homem sobre o globo terrestre haverá o folclore, porque todos nós portamos a características do folk. Quem vai deixar aqui no Brasil, de um dia bem frio tomar sua cachaça e comer sua feijoada?" (Prof. José Sant'anna para o Jornal Auxiliar, 1984, p. 11).

Ao realizar este trabalho, aprendi não só os conceitos técnicos de um artigo acadêmico e os conceitos teóricos do Jornalismo Cultural, mas também a lidar melhor com meus sentimentos, como ansiedade e procrastinação. Além disso, passei a dar mais valor à cultura local de onde nasci e cresci, o que instigou mais ainda meu interesse e paixão pelo Festival do Folclore de Olímpia e também pelo folclore nacional e pela cultura popular como um todo. Sou grata por este um ano estudando a festa que faz parte de minha identidade, sob o olhar do Jornalismo Cultural.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Felipe Carvalho de; LIMA, Edivania Ferreira. **A contribuição do folclore: Nas aulas de literatura infantil**. 2005. 63 p. Faculdade de Ciências de Educação, Face de Pedagogia - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASIL. Lei Federal N° 13.566, de 21 de dezembro de 2017. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 245, 22 dezembro 2017. Seção I, p.1. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/12/2017&jornal=515&pagina=2&totalArquivos=416>. > Acesso em: 16 ago 2023.

CARRIÃO, Marisa. TEIXEIRA, Cida. **Olímpia: 20 anos de Folclore**. Jornal Auxiliar, N° 71, Setembro-Outubro 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 2012.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. **O Papel do Jornalismo Cultural e a relação com a Cultura Popular**. Revista Extraprensa, v. 9, n. 1, p. 38-49, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx17-a04>. Acesso em: 22 out. 2023.

Comissão Municipal de Folclore. **Anuário do 6º Festival do Folclore de Olímpia**. Olímpia: Tablóide Nova Paulista, 1970. Acesso em: 8 jul 2024. Disponível em: https://www.folcloreolimpia.com.br/arquivos/anuario_6%C2%B0_fefol_1970_06024834.pdf

COSTA, Andriolli de Brites da. **A lenda nas páginas do jornal: a presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai**. (2013). 161 p. Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da Folia de Reis: um estudo da memória e da identidade da celebração popular em Florínea/SP**. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2018.

LIMA, Rossini Tavares de. **A ciência do folclore**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

NASCIMENTO, Luciano. **Folias de Reis são tradição centenária na cultura popular brasileira**. Agência Brasil, São Luís, 06 jan. 2006. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-01/foalias-de-reis-sao-tradicao-centenaria-na-cultura-popular-brasileira>. Acesso em: 17 abr. 2024.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. **Festejo para louvar os três reis magos**. Educa Mais Brasil, 22 fev. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/fofia-de-reis>. Acesso em: 17. abr. 2024.

Portal Folclore Olímpia. **Origem**. Portal Folclore Olímpia, 2006-2023. Disponível em: <https://www.folcloreolimpia.com.br/-origem/> > Acesso em: 16 ago 2023.

Portal Prefeitura da Estância Turística de Olímpia. Notícias. **Olímpia celebra santos reis com as tradicionais chegadas das cias em janeiro**. Portal Prefeitura da Estância Turística de Olímpia, 2006-2024. Disponível em: <https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/6029/olimpia-celebra-santos-reis-com-as-tradicionais-chegadas-das-cias-em-janeiro>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Portal IPHAN. **Patrimônio Cultural**. Portal IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 25 mar 2023.

REIS, Estêvão Amaro dos. **O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo: uma festa imodesta**. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/902534>. Acesso em: 9 out. 2023.

ROCHA, Gilmar. **Cultura popular: do folclore ao patrimônio**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 1, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. 15 ed. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Subcomissão do Anuário do Festival do Folclore de Olímpia. **Anuário do 60º Festival do Folclore de Olímpia**. Olímpia: Prefeitura da Estância Turística de Olímpia, 2024. Acesso em: 05 ago. 2024. Disponível em: https://www.folcloreolimpia.com.br/arquivos/anuario_60%C2%BA_fefol_-_final_07031809.pdf

UMBELINO, Ana Carolina. **FOLIA DE REIS: INDUMENTÁRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL**. In: 10º Colóquio de Moda – 7ª Edição Internacional. 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2014. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2014. Disponível em: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/FoliasBrincadeirasTorneios/TiracaoReis/C-O-EIXO-3-FOLIA-DE-REIS-INDUMENTARIA-E-PATRIMONIO-CULTURAL.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

VILLA, Rosangela. **O que é folkcomunicação?**. Jornal Diário Corumbaense. Corumbá, 2020. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=118036>. Acesso em: 25 mar 2023.



WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz. **Jornalismo, produção cultural e lógicas de mercado: contribuições da folkcomunicação para a análise do jornalismo cultural.** Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 14, n. 27, 2017. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/448>. Acesso em: 20 mar 2024.

Entrevistas:

MARINI, Rodrigo César Borges. Rodrigo César Borges Marini [inédito]. depoimento [ago. 2024]. Olímpia, 2024. Entrevista concedida a Larrani Ferreira Guariente Oliveira.

PADILHA, Maria Cláudia Vanti Luizon. Maria Cláudia Vanti Luizon Padilha [inédito]. depoimento [jul. 2024]. Olímpia, 2024. Entrevista concedida a Larrani Ferreira Guariente Oliveira.

REIS, Estêvão Amaro dos. Estêvão Amaro dos Reis [inédito]. depoimento [jun. 2024]. Olímpia, 2024. Entrevista concedida a Larrani Ferreira Guariente Oliveira.

Contatos: larranioliveira@hotmail.com e carloseduardo.santos@mackenzie.br